

Análise terminável, formação interminável: cartel como temporizador lógico¹

Pollyana Almeida

Resumo

Um cartel que estudava o tempo fez (d)efeito, e este texto é o produto que restou da dissolução. Partindo da orientação lacaniana sobre o fim como direção ética das análises, coloca-se a questão sobre o tempo na formação dos analistas. Engajar-se na Escola de Lacan é topar com a formação permanente, na qual cada um se responsabiliza pelo próprio trajeto e se vê convocado à tarefa de transmitir o intransmissível nesse percurso sem um final à vista. Porém, não finalizar implica jamais concluir? De que tempo se trata na interminável formação dos analistas? A aposta aqui lançada aponta para o cartel como temporizador lógico da formação continuamente descontinuada, cujo ritmo é compassado singularmente pelo objeto *a*.

Palavras-chave:

Formação; Psicanálise; Cartel; Tempo lógico; Dissolução.

Analysis terminable, interminable formation: the cartel as a logical timer

Abstract

A cartel that studied time produced a (d)effect, and this text is the product remaining from its dissolution. Based on the Lacanian orientation on the end as the ethical direction of analyses, the question of time in the training of analysts is raised. Engaging in the School of Lacan means encountering a permanent formation in which each individual takes responsibility for their own path and is called to the task of transmitting the untransmittable along a trajectory with no end in sight. However, does not finishing imply never concluding? What kind of time is at stake in the interminable formation of analysts? The wager put forward here

¹ Uma versão deste texto foi apresentada no Espaço Escola do XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) em Brasília, em 2024.

points to the cartel as a logical timer of a continuously discontinuous formation, whose rhythm is uniquely paced by the object *a*.

Keywords:

Formation; Psychoanalysis; Cartel; Logical time; Dissolution.

Análisis terminable, formación interminable: el cartel como temporizador lógico

Resumen

Un cartel que estudiaba el tiempo hizo (d)efecto, y este texto es el producto que restó de su disolución. A partir de la orientación lacaniana sobre el final como dirección ética de los análisis, se plantea la cuestión del tiempo en la formación de los analistas. Comprometerse con la Escuela de Lacan es toparse con la formación permanente en la que cada uno se responsabiliza de su propio trayecto y se ve convocado a la tarea de transmitir lo intransmisible en ese recorrido sin un final a la vista. Sin embargo, ¿no finalizar implica no concluir jamás? ¿De qué tiempo se trata en la interminable formación de los analistas? La apuesta aquí lanzada señala al cartel como temporizador lógico de la formación continuamente discontinuada, cuyo ritmo está compasado singularmente por el objeto *a*.

Palabras clave:

Formación; Psicoanálisis; Cartel; Tiempo lógico; Disolución.

Analyse terminable, formation interminable : le cartel comme temporisateur logique

Résumé

Un cartel qui étudiait le temps a fait (d)effet, et ce texte est le produit resté de sa dissolution. À partir de l'orientation lacanienne sur la fin comme direction éthique des analyses, se pose la question du temps dans la formation des analystes. S'engager dans l'École de Lacan, c'est consentir à une formation permanente dans laquelle chacun se responsabilise de son propre trajet et se voit convoqué à la tâche de transmettre l'intransmissible dans ce parcours sans fin en vue. Cependant, ne pas finaliser implique-t-il de ne jamais conclure ? De quel temps s'agit-il dans l'interminable formation des analystes ? Le pari ici lancé indique le cartel comme

temporisateur logique de la formation continuellement discontinue, dont le rythme est scandé singulièrement par l'objet *a*.

Mots-clés :

Formation ; Psychanalyse ; Cartel ; Temps lógico ; Dissolução.

(...) o fim-começo começa e fina recomeça e refina se afina o fim no funil do começo afunila o começo no fuzil do fim no fim do fim recomeça o recomêço refina o refino do fim e onde fina começa e se apressa e regressa e retece
(Campos, 2004, p. 13)

Começo

Se o inconsciente é incurável, como pode uma análise se concluir? Lacan leitor de Freud prolonga seu dizer e propõe uma resolução às análises intermináveis que aponte para uma separação e assunção de um desejo singular, proposta radicalmente diferente do que se praticava à época, quando o fim indicava identificar-se ao eu do analista.

No início de toda psicanálise está a transferência, saber suposto ao inconsciente, e, desde que nos situemos no campo linguageiro, no qual um significante remete a outro, o sentido se produz como efeito colateral, queiramos ou não. Isso não cessa. Mas algo da demanda infinitizada ao Sujeito Suposto Saber pode cessar em uma decisão de fim. Um fim não como encontro com a ponta que faltava para fechar o ciclo do sentido, mas como uma decisão ética de consentir que a ponta última restará sempre inalcançável, dado o impossível inerente à estrutura. No limite, um tratamento psicanalítico se orienta para que ao término do jogo “a falta de resposta do Outro não seja mais um desastre, mas uma causa” (Fingermann, 2016, p. 77). Dissolver é possível.

Análise terminável, portanto. Formação interminável, entretanto.

A formação de novos analistas é um desafio desde Freud, e ele não se furtou a recomendar que se submetesse à própria experiência quem desejasse conduzir análises. Experiência singular, cujos efeitos são, em uma primeira instância, intransmissíveis. O que se converte em diversos impasses na formalização do saber que se extrai daí.

A formação continuada e sustentada nos três pés — análise pessoal, supervisão e estudo teórico — eleva o impossível da transmissão à posição de causa. Essa recomendação segue orientando as instituições psicanalíticas nos tempos atuais; no entanto, os desafios se atualizam. Recentemente, presenciamos a tentativa escandalosa de mercantilização da psicanálise por meio de cursos que prometem

aos iniciantes um caminho previamente pavimentado, cujo destino garantido é o da certificação.

A experiência com os grupos psicanalíticos levou Lacan a fundar sua Escola, campo de operação contínua de retorno aos fundamentos e crítica assídua. A prática da teoria exige que a formação seja permanente, e essa perenidade faz frente ao ideal de um saber todo: do lado dos iniciantes, faz corte na expectativa de alcançar alguma habilitação; e, do lado dos mais experientes, faz vacilar a posição de mestre, convocando ao despertar “para não dormir sobre os louros” (Gimeno, 2007, p. 8).

Referindo-se ao ensino de Lacan, Dominique Fingermann diz:

Se no início a “missão” parecia se endereçar aos outros psicanalistas, o tempo, a experiência e a sensação de um fracasso em relação à missão fazem com que ele insista nos últimos anos em precisar que o ensino tem efeito de formação para ele próprio. É por isso que Lacan aponta insistentemente a posição de ensinante como uma posição analisante. (Fingermann, 2016, p. 165)

Sua insistência nessa posição avessa do mestre transmite o crucial no que tange ao ensino da psicanálise: não há instrução. Um ensino que se pretenda puramente técnico derrapa no campo da ética, desconsiderando o real em jogo. Na contramão, engajar-se na Escola de Lacan é topar com a formação permanente, na qual cada um se responsabiliza pelo próprio trajeto e se vê convocado à tarefa de transmitir o intransmissível nesse percurso sem um final à vista. Aqui se coloca a questão: não finalizar implica jamais concluir? De que tempo então se trata na interminável formação do analista?

(a)temporalidade da formação do analista

Objeto caro a tantos campos, da física à poesia, o tempo também convoca os psicanalistas desde a invenção dessa prática. A especificidade do objeto da psicanálise leva Freud (Freud, 1915/1996, p. 192) a sugerir que “os processos do sistema inconsciente são *atemporais*,² isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo”. Lacan (1945/1998a), por sua vez, introduziu a noção de tempo lógico modulado por ele em instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir.

A (a)temporalidade da qual dizia Freud aponta para o furo pelo qual Lacan avança: “o *objeto a* está ligado a essa dimensão do tempo” (Lacan, 1974, citado por

2 Na edição consultada, o termo alemão *zeitlos* usado no original é traduzido por *intemporal*. No entanto, preferimos aqui a palavra *atemporal*, por comportar a partícula “a”, que tanto remete à negação quanto ao objeto inventado por Lacan.

Nominé, 2009, p. 53). Nessa direção, o tempo de que se trata na psicanálise — pela aposta no inconsciente — desafia o relógio e enlaça passado, presente e futuro em um nó lógico em cujo centro se encontra o inapreensível objeto *a*. Fazer uso do tempo a favor da experiência é um vetor de orientação nas análises e na formação dos analistas. Duas das invenções lacanianas apontam para isso.

Por um lado, na direção do tratamento, enquanto a suspensão da sessão era transformada “numa pausa puramente cronométrica e, como tal, indiferente à trama do discurso”, Lacan (1953/1998b, p. 253) propunha as sessões de tempo variável, o que visava a produzir uma escansão e quem sabe precipitar momentos conclusivos por parte dos analisantes.

Por outro lado, no campo da formação, a novidade introduzida por ele foi o cartel. Pequeno grupo sem mestre enlaçado pela transferência de trabalho e orientado por enxutos princípios que conferem à experiência margens suficientemente abertas às invenções de cada grupo e cada cartelizante, ao passo que estabelecem limites aos efeitos imaginários inerentes a todo agrupamento humano. Entre esses princípios, destaca-se o relativo ao tempo.

Poderíamos tomar o cartel como experiência homóloga à análise? Dispositivos distintos em seus fins, claramente, mas apenas nos fins da finalidade, uma vez que nos fins da dissolução encontram afinidade. Trabalha-se para descolar.

Assim, no campo da formação dos analistas, mais do que os seminários, cursos e oficinas, parece ser o cartel — órgão de base dessa Escola — o dispositivo privilegiado da formação continuamente descontinuada, cujo ritmo é compassado singularmente pelo objeto *a*. A cada cartel, a cada vez e para cada um se relança: o oco do saber, o mais-um como lugar esvaziado, o desejo como causa, o desassossego e os resíduos do fim.

Como no sofisma laciano no qual o diretor da cadeia informa aos três prisioneiros que há um tempo para concluir, assim também é o dizer do cartel. O princípio da dissolução é crucial para fazer entrar em cena a função da pressa. Consentir com “o tempo de despençar”, como transmitiu certa vez Flávia Tereza (2024) em uma Jornada de Cartéis. Convoca a sair da penca, do grude do grupo. Convocação também à queda. Escrever é deixar cair. Sair do anonimato da massa, ao assinar um pequeno escrito dando notícias da pesquisa, dos efeitos da experiência ou mesmo das crises de trabalho. Lançar no mundo, dar a conhecer o que se produziu naquele pedaço de caminho. Concluir.

Ver, compreender... concluir

O ato de fazer cartel, orientado pelo discurso analítico, parece funcionar como dispositivo de modulação lógica dos tempos — ver, compreender e concluir — e, com isso, promove uma pulsação no eterno da formação permanente. O tempo

que não se mede, mas se conta (Alberti, 2009, p. 61), conta-se a cada nova topada com o impossível de tudo saber. Conclui-se com os parciais possíveis. Dissolver é preciso.

Uma práxis que não tenha em seu horizonte e como norte seu fim, a dissolução, eterniza-se em variações caleidoscópicas de sentido do sentido do sentido. O cartel faz corte e introduz a descontinuidade, “forma essencial com que nos aparece de saída o inconsciente” (Lacan, 1964/2008, p. 32). Inclusive, um cartel pode dissolver-se a qualquer tempo, desde sua declaração, antes dos previstos dois anos e mesmo que somente um de seus membros decida por finalizar. Como na lógica borromeana, “basta um partir para que todos estejam livres” (Lacan, 1980/2022, p. 56). De repente, uma ruptura. Efeito de surpresa. Em tão pouco tempo... houve cartel? Este texto restou como produto desde que um cartel fez (d)efeito. Sobre o desejo de fazer alguma coisa com isso, Lacan (1964/2008, p. 29) já dizia que “só existe causa para o que manca”.

Referências bibliográficas

- Alberti, S. (2009). Tempo e entropia. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (18), 61-71.
Recuperado de <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/876/560>
- Campos, H. (2004). *Galáxias* (2a ed.). São Paulo: Ed. 34.
- Fingermann, D. (2016). *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 165-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Gimeno, B. (2007). Cartel! ...para não dormir sobre os louros! *Wunsch*, (6), 8-9.
Recuperado de <https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch6.pdf>
- Lacan, J. (1998a). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 197-213). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1945)
- Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2022). Carta de dissolução. In J. Lacan *Nos confins do seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)
- Nominé, B. (2009). O tempo: um objeto lógico. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (18), 51-59. Recuperado de <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/875/559>

Tereza, F. (2024). *Encontro prévio à Jornada de Cartéis do Fórum Salvador*. [Roda de conversa sobre o XXIV Encontro Nacional da EPFCL-Brasil]. Salvador, Brasil.

Recebido: 09/02/2026

Aprovado: 05/06/2026